



GT 57. Migrações e Deslocamentos

Coordenador(es):

Natália Corazza Padovani (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Angela Mercedes Facundo Navia (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Este GT, proposto no âmbito do Comitê Migrações e Deslocamentos da ABA, visa reunir trabalhos que reflitam sobre diferentes “regimes de mobilidades”. Migrações e deslocamentos são objeto de processos de diferenciação vinculados a assimetrias e “localizações sociais”. Categorias como “permanência e mobilidade” são tensionadas nos processos de governamentalidade voltados para quais sujeitos e populações podem/devem permanecer e/ou mover-se. Exílios, expulsões e deslocamentos forçados são contrastados com imaginários sobre turismo e cosmopolitismo. Migrações e deslocamentos, assim, podem ser analisados frente ao modo como “viagens” e “refúgios”, por exemplo, diferenciam pessoas frente a categorizações de raça, gênero, sexualidade, classe, nacionalidade, geração, entre outras, as quais enredam práticas e normativas de segurança e proteção dos territórios e estados nacionais. Nos interessam trabalhos que examinem a produção de mobilidade/imobilidade, circulação/contenção, legalidade/ilegalidade; e/ou processos de subjetivação e a incidência de marcadores sociais na delimitação de fronteiras territoriais e sociais. A intenção é abranger pesquisas realizadas a partir de temas voltados para as várias formas de deslocamentos e “regimes de mobilidades” através de fronteiras, que podem ou não ser transnacionais. Consideramos que o deslocamento entre fronteiras das cidades, bem como urbanas, ou “rurais e urbanas”, podem trazer elementos etnográficos e analíticos ao debate proposto.

?Familiarizando o estranho?: a função do professor em programas de língua de acolhimento.

Autoria: Lara Noronha Xavier (UNB - Universidade de Brasília)

A presente pesquisa possui dois objetivos principais. Primeiramente, visa compreender como a língua de acolhimento é apresentada para os migrantes. Posteriormente, o foco é o de entender as dinâmicas de afeto estabelecidas entre professor e aluno e como elas são projetadas tanto dentro quanto fora de sala de aula. Para entender o português como língua de acolhimento, é necessário compreender seu funcionamento e sua necessidade para a comunidade migrante. Para isso, serão utilizadas Barbosa e Ruano (2016) e Grosso (2010), que apresentam as bases dessa modalidade de ensino, assim, a diferenciando tanto simbolicamente quanto metodologicamente da língua estrangeira. Grosso (2010) afirma que as relações construídas entre professores e alunos ultrapassam as barreiras profissionais, assim, criando laços de afetividades entre ambos. Dessa forma, o professor pode ser tornar uma pessoa com a qual o migrante irá contar suas experiências, seus sucessos e suas dificuldades, sendo papel do docente o ajudar a compreender a nova vivência no país de acolhida e apresentar a cultura do país receptor para esse indivíduo. Ao pensar na experiência do professor dentro dos projetos de acolhimento, Almeida Filho (1993), questiona as dimensões do ensino de línguas e quanto os professores estão ou não preparados para esse tipo de relação com seus alunos. As responsabilidades e expectativas neles colocadas são de grande importância nesse processo de acolhimento. E se a resposta dos docentes não for positiva qual mudança ocorrerá no processo de acolhimento? Por fim, tendo como base o colocado por Grosso (2010) sobre as relações entre professores e alunos, e com o intuito de compreender essas conexões construídas dentro dos projetos de acolhimento. Serão inseridos ao debate autores da transnacionalidade tais como Schiller, Basch e Blanc (1995) e Cavalcanti e Parella (2013), assim, visando entender as relações dos indivíduos em mobilidade não apenas com relações afetivas e familiares vindas de seu país de origem, mas também construídas no país de acolhimento.



Reunião Brasileira de Antropologia

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3

[Trabalho completo](#)



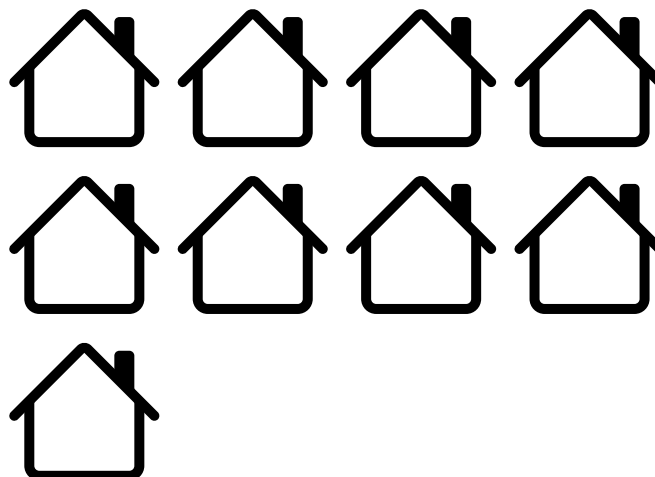
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: